



O Ideário Patrimonial O идеарио

A Memória Colectiva em
Reflexão: Angola, Brasil,
Espanha, Marrocos e Portugal

**A FUNÇÃO CULTURAL DA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: O
CASO DA BIBLIOTECA ANTÓNIO DIDALELWA, ANGOLA**

**THE CULTURAL DUTY OF THE UNIVERSITY LIBRARY: THE
CASE OF THE LIBRARY ANTÓNIO DIDALELWA, IN ANGOLA**

Teresa Almeida Patatas

Universidade Mandume Ya Ndemufayo (UMN), Escola Superior Politécnica do Namibe
– Angola.

Departamento de Contabilidade e Gestão; e, Biblioteca.

Investigadora Associada do Centro de Estudos Interdisciplinar de Educação e
Desenvolvimento (CeIED), Lisboa - Portugal.

Investigadora do Technology, Restoration and Valorization of the Arts Center (SCTN
FCT) - Techn&Art, Tomar - Portugal.

teresapatatas.angola@gmail.com



A Função Cultural da Biblioteca Universitária: o caso da biblioteca António Didalelwa, Angola

Teresa Almeida Patatas

Historial do artigo:

Recebido a 17 de setembro de 2019

Revisto a 30 de novembro de 2019

Aceite a 07 de dezembro de 2019

RESUMO

Atualmente as bibliotecas universitárias continuam a ser agentes ativos no mundo académico e enfrentam diversos desafios para o cumprimento das suas funções: a educativa, a informacional, a cultural e a recreativa. Dentre estas, a função cultural, apenas inserida no século passado (XX), é ainda pouco realizada nas bibliotecas, embora os atos culturais, mesmo os executados nas bibliotecas, sejam modos de exercer o direito individual e colectivo de expressão das diversas culturas de determinado espaço. A pesquisa bibliográfica executada foi limitada pela escassez de literatura na área. Este trabalho tem como objetivos contribuir para a reflexão sobre a função cultural das bibliotecas universitárias e apresentar o caso da Biblioteca António Didalelwa em Moçâmedes (Angola), como exemplo de cumprimento dessa função. Essa biblioteca pertence à Escola Superior Politécnica do Namibe, unidade orgânica da Universidade Mandume ya Ndemufayo. Na execução da função cultural, a biblioteca envolve indivíduos provenientes dos seus cursos ou de outras instituições escolares nas expressões artísticas e culturais, concretizadas no seu espaço e na realização das suas atividades culturais com diferentes tipologias, de modo a divulgar e valorizar a cultura angolana, sobretudo a cultura endógena, que é multiétnica e plurilingue.

Palavras-Chave: Biblioteca Universitária, Função Cultural, Cultura, Angola.

ABSTRACT

Currently, the university libraries continue to be active agents in the academic world. They face diverse challenges for the accomplishment of their duties: the educative one, the informational one, the cultural one, and the recreational one. Of these duties, the cultural function, only introduced in the last century (XX), still has a small presence in the libraries. In spite of cultural events, even those carried out in libraries, being a way to exercise the individual, and the collective right of expression of diverse cultures in a determined space. The bibliographical research carried out was limited by the scarcity of literature in the field. This work aims to contribute to the reflection on the cultural duty of university libraries and to introduce the case of the Library António Didalelwa in Moçâmedes (Angola), as an example of fulfilment of this

duty. This library belongs to the Polytechnical Superior School of the Namibe, organizational unit of the Mandume University ya Ndemufayo. While performing its cultural duty, the library involves individuals from university courses or other courses pertaining to educational institutions on artistic and cultural expressions, occurring in the library space and performing its cultural activities according to different typologies, in order to divulge and to value the Angolan culture, and particularly, the endogenous culture, which is multi-ethnic and plurilingual.

Key-words: University library, Cultural Duty, Culture, Angola.

1. Nota Introdutória

A globalização e as novas tecnologias, entre outros fenómenos atuais, acarretam desafios para as bibliotecas universitárias na execução das suas quatro funções: educativa, informacional, recreativa e cultural. Sendo esta última função apenas inserida no século XX.

Os atos culturais são modos de exercer o direito individual e coletivo de expressão cultural. Esta pesquisa pretende ser uma modesta contribuição na reflexão sobre a função cultural das bibliotecas universitárias, assunto pouco explorado em investigações científicas. Por conseguinte, a pesquisa bibliográfica realizada foi limitada pela escassa literatura nessa temática.

Para além do contributo refletivo que pretende ser, esta pesquisa apresenta um estudo de caso com o objetivo mostrar uma biblioteca que cumpre a sua função cultural, apesar das limitações causadas pelo contexto em que está inserida: a Biblioteca António Didalelwa, em Moçâmedes.

Essa biblioteca de Angola enfrenta também os desafios do seu contexto, visto o país ser uma nação relativamente *jovem* (independente em 1975), pós-conflito civil (em paz desde 2012), em crise financeira (desde 2014) e com ampla diversidade cultural e etnolinguística.

Essa biblioteca, pertencente à Escola Superior Politécnica do Namibe (unidade orgânica da Universidade Mandume ya Ndemufayo, VI Região Académica), tem sido apontada como um exemplo na área. Assim sendo, as actividades por ela realizadas podem incentivar outras bibliotecas a cumprirem de forma mais ativa a sua função cultural, ou a estimular a reinventarem-se, dentro dos seus recursos e contextos político-sociais, institucionais e culturais.

2. Desafios da Biblioteca Universitária

Numa época caracterizada por uma constante mutação, as bibliotecas como agentes vivos sobrevivem através da adaptação às realidades onde estão inseridas e se amoldam.

A palavra *biblioteca* tem origem grega e significa *depósito de livros*, isto é, um espaço físico onde se guardam livros. No entanto, com as transformações societais, o conceito de *biblioteca* modificou-se como esclarecem Pinho e Machado (2011, p. 6).

O sentido contemporâneo da palavra “(...) faz referência a qualquer compilação de dados registados em muitas outras formas e não só em livros. O termo pode designar microfílm, revistas, gravações, slides, fitas magnéticas e de vídeo, entre outros materiais. O material mais recente é o livro eletrónico, ebook (...)”.

Sobre a situação das bibliotecas atuais Oliveira (s.d., s.p.) apresenta características como:

Informação Explosiva e Móvel; + [mais] de 500.00 títulos de livros nos últimos anos; + [mais] de 10.000 títulos de revistas (1º rev. 1665); + [mais] de 2 milhões de artigos científicos/ano; Globalização e rapidez de acesso (satélite/fibras ópticas/redes); Especialização/ Interdisciplinaridade; Multiplicidade de suportes e meios (Papel/microfilme/ analógicos/digitais...); Variedade de fontes (Códigos / suportes / formatos); Valor económico da informação – Indústrias.

Este crescimento de tipologias de fontes de informação também se verifica nas bibliotecas universitárias, cujo objetivo geral é “facilitar o acesso e o uso das fontes de informações, que representam a base do ensino e da pesquisa” (Prado, 2000, p. 14).

Apesar de enfrentar sempre novos desafios (políticos, financeiros, institucionais, materiais e tecnológicos, etc ...) a biblioteca universitária não pode estar em *vias de extinção*, pois ela “(...) não constitui parte passiva de todo o processo académico nem, tão pouco, tem como objetivo único fornecer a documentação necessária ao cabal conhecimento dos programas [...] na universidade. (...)” (Leite, 1996, p. 259). O seu papel de apoio à pesquisa, ensino e difusão de informação, inclui ainda a extensão universitária e o lazer. Num contexto de pesquisa científica, e em movimento constante de aquisição de conhecimento pelos usuários, assim como o contato e serviços ao meio envolvente, a biblioteca universitária “não poder ser um agente neutro, passivo” (Prado, 2000, p. 15).

Os livros em formato físico, mesmo ameaçados com o advento e desenvolvimento das novas tecnologias, continuam a ser importantes para a formação académica, assim como para a formação cívica e cultural e fonte de conhecimento encadeada. Sobre o conhecimento obtido nas bibliotecas, Pereira (2011, p. 122) clarifica:

A simples presença numa biblioteca, pelo facto de permitir aceder a livros com um esticar de braços não torna automaticamente alguém leitor, tampouco mais conhecedor. Para haver conhecimento, um processo bem mais complexo é exigido. Inicialmente, é necessária uma combinação de dados que gerem informação e só quando essa informação é interpretada, o que significa ser contextualizada e ligada a conceitos já existentes, passa a existir conhecimento.

As coleções bibliotecárias constituídas por livros mantêm-se como uma fonte válida de informação que pode ser complementada com a (informação) proveniente das novas tecnologias, numa parceria fecunda para o conhecimento especializado e particularizado, tudo isso realizado no espaço da biblioteca.

Nesse contexto, a biblioteca precisa estar sempre em reestruturação e transformar-se num espaço multimédia, onde também se pode entrar em contato com meios audiovisuais, com múltiplos suportes informáticos, revistas e livros eletrónicos, etc., incluindo estar em rede com outras bibliotecas virtuais. Consequentemente, se exige cada vez mais a aquisição de computadores modernizados pelas bibliotecas universitárias.

Deste modo, num mundo interligado, a biblioteca passa, cada vez mais, a ser um espaço ativo de aprendizagem e de troca de informação e aquisição compilada e concatenada de conhecimento diversificado, procurando satisfazer as necessidades dos seus utilizadores. Sendo estes (utilizadores) cada vez mais exigentes, vivendo numa sociedade em igual domínio de exigência, geram-se ininterruptamente novos desafios às bibliotecas universitárias, que por isso têm de readaptar e reinventar, para podê-los encarar com sucesso e qualidade.

3. Biblioteca e a Função Cultural

As bibliotecas têm um longo historial, os historiadores conferem a classificação de biblioteca mais antiga a de Ebla (encontrada na Mesopotâmia em 1975), a qual possuía placas de argila com escritos em caracteres cuneiformes datados de 2.500 AC (Antes de Cristo) (1). Desde essa época houve transformações e progressos nas bibliotecas, tanto quanto ao seu tipo de acervo como nos seus objetivos e funções.

Atualmente, a biblioteca tem quatro funções: educativa, cultural, recreativa e informacional (Margarida, 2011). Apesar das bibliotecas serem instituições antigas, como supra referido, a função cultural só foi incluída no século XX (Margarida, 2011).

Embora seja a segunda função, a parte cultural é pouco praticada pelas bibliotecas. Existe muito pouca literatura nesse campo e por isso, torna-se uma oportunidade de pesquisa. Margarida (2011, s. p.) esclarece a composição dessa função cultural:

Deve ser entendida como sendo todo e qualquer tipo de manifestação artística oferecida à comunidade, dando, segundo (...) Andrade (1979) (2), aos indivíduos a oportunidade “(...) de contato, participação, apreciação das artes, proporcionando ambiente agradável, estimulando e agindo, tanto quanto possível, como contrapeso à cultura comercialmente orientada de nossos dias (...)”.

Não obstante a autora (Margarida, 2011) se referir às bibliotecas públicas o mesmo pode ser aplicado às bibliotecas universitárias. Porque, como atrás salientado, este tipo de bibliotecas fazem parte ativa da universidade. Além disso, o ensino universitário inclui essa função, isto é, “(...) implica a integração [de] 3 funções: I. Transmissão da cultura [grifo da autora]; II. Ensino das profissões. III. Investigação científica e educação de novos homens de ciência (...)”. (Gasset, 2003, p. 53).

Uma das definições de cultura é a de Alberto (2014, p. 61): “(...) é um conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, artes, moral, leis, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade (...)”. Como poderia ser a implementação da função cultural numa biblioteca universitária?

Como resposta apresentam-se algumas sugestões, que não esgotam as possibilidades da sua execução e inclusão na programação bibliotecária: música e dança de todo o tipo; filmes e vídeos temáticos; variedade de tipos de literatura; sessões de leitura; exposições de variados géneros; promoção de debates; conferências e palestra, etc., e até cursos onde a cultura e a criatividade envolvente sejam as bases elementares.

Em certa medida, esses atos culturais seriam modos de exercer o direito da pessoa à participação na cultura assim como o direito da divulgação cultural e a respeitar a liberdade para a atividade criadora, referido no artigo 15.º do Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais (3), (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1966).

Neste contexto, as ações culturais seriam também a observância da Convenção da Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions) (4), (UNESCO, 2005). O documento esclarece no artigo 4 (definições), alínea 3, que *expressões culturais “são aquelas que resultam da criatividade dos indivíduos, grupos e sociedades, que tenham conteúdo cultural”* (5), (UNESCO, 2005, p. 7).

Nessa Convenção, no artigo 2 - *Princípios orientadores*, o quinto destes é o *Princípio de complementariedade dos aspetos económicos e culturais do desenvolvimento* e declara que “(...) já que a cultura é um dos motores do desenvolvimento, os aspetos culturais do desenvolvimento são tão importantes como os seus aspetos económicos, dos quais indivíduos e povos têm o direito fundamental de participar e desfrutar (...)” (6), (UNESCO, 2005, p. 6).

Se a biblioteca universitária estiver localizada numa comunidade multicultural e plurilingue, essas características devem ser levadas em conta na programação bibliotecária, dando realce a esses fatores patrimoniais. A concretização desta recomendação seria a aplicação do direito das comunidades linguísticas, pois segundo a UNESCO (1996), no artigo 45º:

Todas as comunidades linguísticas têm direito a que a língua própria do território ocupe um lugar de primazia nas manifestações e serviços culturais, *tais como bibliotecas* [grifo da autora], videotecas, cinemas, teatros, museus, arquivos, produção informática, folclore, indústrias culturais e todas as outras formas de expressão que derivem da *realidade cultural* [grifo da autora], (p. 12).

Nesse âmbito acrescenta-se ainda que a UNESCO (1996), na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos, Secção V – Cultura, artigo 41.º, alínea 1, declara que “(...) *todas as comunidades linguísticas têm direito a usar a sua língua e a mantê-la e promovê-la em todas as formas de expressão cultural (...)*” (p. 12). E ainda “(...) *considerando que a Declaração Universal dos Direitos Coletivos dos Povos, realizada em Maio de 1990 em Barcelona, declara que todos os povos têm direito a exprimir e a desenvolver a sua cultura [e] a sua língua (...)*” (UNESCO, 1996, p. 14).

4. Angola

Angola é uma república que se situa no sudoeste de África, com uma extensão territorial de 1.246.700 km². Segundo o Censo 2014 “(...) *residem em Angola 24.383.301 pessoas, sendo 11.803.488 do sexo masculino e 12.579.813 do sexo feminino (...)*” (INE, 2014, p. 41). A moeda nacional é o Kwanza. A capital é a cidade de Luanda. O idioma oficial é o português (7), contudo há uma vasta diversidade etnolinguística.

4.1. Breve Contexto Histórico

Sobre o território angolano Alberto (2014, p. 64) esclarece que “(...) *antes da chegada dos europeus em 1482 nestas paragens existiam Estados Federados, protectorados e exíguos sob regime de monarquias (...)*”. Angola foi uma colónia portuguesa durante 493 anos. Tornou-se um país independente em 1975. Posteriormente entra numa longa guerra civil que termina em 2002. Por conseguinte é um país pós-conflito em reconstrução a apenas 17 anos de paz efetiva.

Nessa *jovem* nação há um mosaico socio-cultural constituído por um grupo de povos, cada um com a sua singular herança cultural. Devido às deslocções internas causadas pela guerra civil, todo o território angolano sofreu alterações no âmbito dos antigos perímetros culturais. Apesar da paz nacional, muitas das famílias permaneceram do espaço para onde haviam migrado, criando uma realidade de diversidade cultural diferente da que deixaram para trás. Segundo Alberto (2014, p. 65) “(...) *estamos na fase de resgate da Identidade dos Povos de Angola (...)*”.

4.2. Breve Contexto Cultural

Sobre a cultura em Angola, Pequeno, Sapalo e Santos (2014, p. 12) avigoram:

Angola como nação é rica em herança que os nossos antepassados nos deixaram através das suas formas de pensar, dos seus feitos e suas experiências, estas heranças culturais formam uma longa linha que liga entre os nossos ancestrais, a nossa geração e as gerações vindouras. Pelo que nos orgulhamos grandemente.

Neste âmbito, Alberto (2014, p. 61) comenta que “(...) a nação angolana é rica em valores, saberes, técnicas, religiões, tradições, artes e iniciativas diversas nos domínios políticos, económicos e sociais que constituem os pilares para a sua «Identidade Cultural (...)».

Sobre a variedade cultural pode-se perceber que “(...) a complexidade interna do património cultural angolano e a diversidade etnolinguística são asseguradas pela ancestralidade histórico-cultural orgulhosamente partilhada” (Pequeno, Sapalo e Santos, 2014, p. 15).

Os espaços multiétnicos, policulturais e plurilingues são mais evidentes nas zonas urbanas e seus arredores, mas por todo o lado se encontram elementos identitários do misto de culturas. Estes elementos são fisicamente mais evidentes na arte, música e danças, esculturas, rituais, objetos sagrados, vestuário, acessórios, adornos e penteados, máscaras, dieta alimentar, utensílios domésticos, instrumentos, ornamentos, inclui também contos, poesias, provérbios, etc... Sendo esses transmitidos nas diferentes línguas nacionais ou na língua portuguesa.

Aço (2014, p. 7) expressa o valor da cultura em Angola:

A cultura fortalece a Nação e porque quanto mais Cultura, (quanto mais valorizamos a nossa matriz cultural) mais se torna intrínseca em cada um a ideia de fazer de Angola, isto é, mais se torna consciente ao nível do indivíduo a sua angolanidade.

Complementarmente Pequeno, Sapalo e Santos (2014, p. 11) reforçam:

Ela [cultura] é o factor importante formativo de um povo seja ele quem for – é o produto do espírito humano que está enraizado nos valores, no ‘ethos’ ou seja, na personalidade de cada angolano (...).

Para que a nação angolana possa ser uma nação, é preciso exaltar e preservar a cultura.

O Estado angolano revela interesse na preservação do património angolano, porquanto a Constituição da República (2010, p. 30), no seu artigo 87.º (Património histórico, cultural e artístico), refere que:

4.2.1. Os cidadãos e as comunidades têm direito ao respeito, valorização e preservação da sua identidade cultural, linguística e artística.

4.2.2. O Estado promove e estimula a conservação e valorização do património histórico, cultural e artístico do povo angolano.

Nesse contexto, Pequeno, Sapalo e Santos (2014, p. 12) indicam que a “(...) cultura angolana só permanecerá se tiver uma forte exaltação e um forte suporte da parte do seu povo e governantes (...)”. E Alberto (2014, p. 75) indica, entre os caminhos para a consolidação da nação, “(...) a valorização da cultura de grupo social e a respectiva divulgação para o bem da nação (...)”.

O ensino superior tem como um dos seus papéis a preparação cultural dos seus estudantes, conforme pode ser visto na sua definição, em 2009, ano do redimensionamento da única universidade pública (Universidade Agostinho Neto), no artigo 3º do Decreto nº 90/09 de 15 de dezembro (2009, p. 39 - 52):

É o conjunto de órgãos, instituições, disposições e recursos que visam a formação de quadros de alto nível para os diferentes ramos de actividade económica e social do País, assegurando-lhes uma sólida preparação científica, técnica, cultural [grifo da autora] e humana, bem como a promoção da investigação científica e a prestação de serviços à comunidade.

Por conseguinte, as bibliotecas universitárias, como parte ativa da universidade, devem estar inseridas nessa transmissão cultural aos quadros angolanos.

5. O Caso de uma Biblioteca Angolana

Pretende-se apresentar o caso de uma biblioteca reconhecida no seu meio pela prática das suas funções, incluindo a função cultural. Torna-se exemplo pelas suas realizações, apesar das limitações de recursos que possui. Estas restrições são generalizadas a todos os setores do país, derivadas da conjuntura de crise financeira vivida em Angola, desde o final de 2014, devido à queda dos preços do petróleo, principal fonte de receitas nacionais.

A província do Namibe está localizada no litoral sul do país. Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016, p. 9) “(...) a população residente no Namibe era de 495 326 habitantes, dos quais 240 144 do sexo masculino (48,5% da população total residente) e 255 182 do sexo feminino (51,5% da população total residente) (...)”. Na província, o português é a língua mais usada (68%) e “(...) o umbundo é a segunda língua mais falada com 20%, seguindo-se as línguas Nyaneca e Muhumbi com 12% e 11% respectivamente (...)” (INE, 2016, p. 38).

Durante a guerra civil esta província foi um ponto de acolhimento de muitos migrantes ou destino de grupos oriundos de outras províncias do interior do país. Essas podem ser algumas das causas principais para que Moçâmedes (município-sede) seja um espaço multicultural e polilingue.

Em Moçâmedes encontra-se a Biblioteca António Didalelwa, pretencente à Escola Superior Politécnica do Namibe (a mais antiga Instituição de Ensino Superior provincial), unidade orgânica da Universidade Mandume Ya Ndemufayo, VI Região Académica de Angola. Patatas (2017, p. 58-59) explica:

Inaugurada pelo governador provincial (8), a 30 de setembro de 2016, a Biblioteca António Didalelwa surge como resposta inovadora e criativa à necessidade de proporcionar um lugar de estudo e pesquisa mais modernizado e adaptado à colectividade estudantil da Escola Superior Politécnica do Namibe, da qual faz parte integrante. Recebeu o nome do malogrado professor da Universidade Mandume ya Ndemufayo, falecido um mês antes da inauguração desta biblioteca.

A designação e missão da biblioteca estão no seu regulamento interno (2016, p. 1), no artigo 1:

1. A Biblioteca é uma unidade funcional da Escola Superior Politécnica do Namibe, que tem como missão a aquisição, preservação, divulgação e tratamento técnico do património bibliográfico e documental desta instituição, sob o controlo do Director para a Área Científica.

2. Na efectivação da sua missão a Biblioteca oferece apoio académico, científico, pedagógico e cultural [grifo da autora], através dos seus serviços.

O seu público-alvo é constituído pelos professores e alunos da instituição, contudo tenta atrair e fidelizar qualquer outro público comunitário e estudantil que procure os seus serviços.

5.1. Evolução Bibliotecária

A Biblioteca António Didalelwa foi inaugurada tendo no seu acervo 2750 livros e 155 revistas científicas. Este acervo foi transferido do seu anterior espaço, no qual esta (biblioteca) não tinha qualquer denominação. Esse novo espaço, reestruturado propositadamente para os serviços a biblioteca, foi um ponto de convergências de públicos variados, incluindo os provenientes das demais escolas locais de todos os níveis de ensino. Nas suas múltiplas atividades a função cultural esteve sempre presente e isso era bem visto pelo seu público e pela comunidade envolvente. Patatas (2017, p. 58) especifica:

Esta biblioteca fomenta atividades de leitura, teatro, música, poesia, desenho e pintura, arte, concursos, palestras, celebrações de dias ligados à cultura, comemorações de datas de valor nacional, exposições, (...) etc. Estas atividades envolvem várias franjas da população e instituições, (...) ao serviço da diversidade cultural.

A notícia da mudança de instalações da instituição escolar, e conseqüentemente da biblioteca, para um novo local, longe do centro da cidade, a iniciar no ano letivo de 2018, fez consternar os agentes envolvidos e o público dessa biblioteca.

Contudo, como uma equipa automotivadora, a direção da instituição, a sua chefia e os seus funcionários começaram a trabalhar arduamente para criar um espaço igualmente enriquecedor nas novas instalações e que respondesse às funções e missão bibliotecária que lhe tinha sido anteriormente atribuída. Com a chegada dos estudantes alguns destes também se envolveram voluntariamente.

As expetativas conjuntas não foram defraudadas e lentamente a biblioteca renasceu neste novo espaço. Atualmente, continua em permanente reestruturação, procurando adaptar-se ao seu contexto e recursos, e simultaneamente ir ao encontro das necessidades dos seus usuários, estes em número ainda insatisfatório, como abaixo se justifica.

A longa distância do centro da cidade e de meios de deslocação, assim como a falta de moradores da urbanização para onde a instituição foi recolocada, fez com que o público bibliotecário inicial fosse constituído apenas por indivíduos ligados à instituição (professores e estudantes), havendo raras exceções.

Ao longo do ano letivo esta realidade foi-se ligeiramente modificando, especialmente devido ao aumento de meios de transporte e a preços mais acessíveis, isso possibilitou alguma frequência de públicos de outras instituições escolares, especialmente as do Ensino Superior. Alguns frequentadores do antigo espaço, com meio de transporte próprio, começaram amiúde a voltar.

No final de 2018, o acervo bibliográfico atingiu o alvo autoproposto de 4000 livros, acrescido de 190 revistas científicas. Embora estes números pareçam insignificantes, nesta realidade e neste contexto de reconstrução nacional e de crise financeira generalizada, estes dígitos são uma verdadeira vitória.

5.2. Função Cultural

A Biblioteca António Didalelwa tem como um dos propósitos a promoção da cultura (especialmente a angolana) em todas as suas formas de expressão:

5.2.1. O seu acervo inclui obras de autores angolanos para todas as idades: em prosa, poesia, romance, fábulas, contos, etc.

5.2.2. As paredes interiores foram usadas para a expressão artística e criativa tendo em conta aspetos da cultura endógena e comunitária, realizadas por artistas plásticos locais, alunos dos cursos institucionais e alunos de outras escolas (incluindo um jovem estudante do Ensino Especial) e professores de três escolas diferentes. Essas pinturas e desenhos trazem prazer estético, cor e harmonia, uma forma de evasão para os frequentadores do espaço e mostram valorização do rico património angolano e a divulgação das competências locais para expressão cultural neste tipo de arte.

5.2.3. O hábito da leitura é incentivado em frases e desenhos nas paredes e noutras formas decorativas, nas frequentes exposições temáticas ou nas sessões anuais de leituras promovidas (de obras de autores angolanos), assim como pelas palavras de convidados selecionados com esse alvo e também em palestras.

5.2.4. Há concursos de poesia, onde se convida a incluir também as línguas nacionais. As línguas mais usadas e conhecidas pelos estudantes, professores e funcionários (umbundu, kimbundu, nyaneka e kwanyama) estão expressas em algumas frases nas paredes de modo artístico ou em dois expositores com provérbios populares.

5.2.5. Há múltiplos objetos decorativos, expostos de modo criativo, que mostram a diversidade cultural da província, feitos de modo artesanal (olaria, cestaria, escultura e modelagem) com material obtido dos recursos naturais locais.

Na programação bibliotecária estimula-se a participação de toda a comunidade institucional nas suas atividades culturais, especialmente ligadas a datas comemorativas ou alusivas a um evento particular. Nesses eventos dança-se, canta-se, declama-se poesia, faz-se teatro, ouve-se música angolana, passa-se moda ou desfila-se com tecidos e indumentárias africanas (onde se carrega na *passarele* utensílios culturais angolanos) exibem-se artigos culturais ou reinventa-se a partir dos mesmos, até se mostra criatividade na sua reutilização, mostrando uma postura amiga do ambiente.

A função cultural da biblioteca António Didalelwa tem sido divulgada criando curiosidade a quem ouve e, assim, tem recebido alguns visitantes interessados em conhecê-la. Esse exemplo, da execução da função cultural, foi divulgado num programa televisivo (9) num canal público que tem como alvo a promoção e divulgação cultural angolana. Desse programa resultou um maior conhecimento desta biblioteca e da possibilidade de implementação da função cultural das bibliotecas universitárias em Angola, mesmo em época de crise financeira, contando apenas com os recursos disponíveis, que às vezes são subaproveitados, incluindo o talento da população estudantil e o que abrange a criatividade artística e cultural do povo angolano.

6. Algumas Conclusões

Há a expectativa de que esta pesquisa tenha servido como contribuição na reflexão sobre a função cultural das bibliotecas universitárias. Esta temática é ainda pouco estudada em investigações científicas, e assim torna-se um campo vasto de oportunidades de pesquisa.

A pesquisa apresentou o caso da Biblioteca António Didalelwa, em Moçâmedes, Angola no cumprimento da sua função cultural. Apesar das limitações que enfrenta as advindas do passado histórico nacional, assim como as do seu contexto local e institucional, é apontada como exemplo na execução dessa função, tanto na decoração do seu espaço interior, no seu acervo, assim como na programação das suas atividades onde a diversidade etnolinguística e cultural angolana, em particular a namibense, é valorizada e divulgada.

Nessa concepção e implementação da função cultural, cria-se na biblioteca universitária uma diferente dinamização de serviços de apoio ao cidadão e à cultura local. Tal como Oliveira (s.d., s.p.) afirma uma “(...) biblioteca menos como instituição, mais como um enorme livro em que todos participam (...)” e divulgam com imaginação e regozijo o seu património cultural.

NOTAS

- (1) Fonte: www:<URL: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_das_bibliotecas.>
- (2) Andrade, A. M. C. de (1979). Objetivos e funções da biblioteca pública. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, Belo Horizonte, vol. 8, nº 1, 48-59, mar. 1979.
- (3) Assembleia Geral das Nações Unidas, Resolução N.º 2200-A (XXI), de 16 de Dezembro de 1966. Entrada em vigor a 03 de Janeiro de 1976.
- (4) Em Paris, 20 October 2005, na Conferência Geral da UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) realizada de 03 a 21 de outubro de 2005.
- (5) No original: Cultural expressions “(...) are those expressions that result from the creativity of individuals, groups and societies, and that have cultural content.” (UNESCO, 2005, p. 7)
- (6) No original: “Since culture is one of the mainsprings of development, the cultural aspects of development are as important as its economic aspects, which individuals and peoples have the fundamental right to participate in and enjoy (...)”. (UNESCO, 2005, p. 6)
- (7) Constituição da República de Angola, artigo 19º, parágrafo n.º 1.
- (8) Na época: Drº Rui Falcão.
- (9) TV Zimbo, Programa Cooltura, dia 03 de novembro de 2018, 18:15, Angola.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Aço, S. (2014). Nota de apresentação. In *Ministério da cultura. Colóquio sobre identidade cultural, identidade nacional (comunicações)*. Realizado em Luanda em agosto de 2008. Luanda: Ministério da Cultura, p. 7-9.

Alberto, P. E. (2014). Angola: Povos e cultura. In Ministério da Cultura. Colóquio sobre identidade cultural, identidade nacional (comunicações). Realizado em Luanda em agosto de 2008. Luanda: Ministério da Cultura, p. 9-18.

Assembleia Geral das Nações Unidas (1966). *Pacto Internacional dos Direitos Económicos, Sociais e Culturais*. S. I.: NU.

Escola Superior Politécnica do Namibe (2016). *Regulamento interno da biblioteca*. Namibe, 2016. Namibe.

Gasset, J. O. (2003). *Missão universidade e outros textos*. Coimbra: Angelus Novus.

Instituto Nacional de Estatística (INE) (2016). *Resultados definitivos: recenseamento geral da população e habitação – 2014, província do Namibe*. Luanda: INE.

Leite, J. E. C. (1996). Melhoramento da gestão de bibliotecas universitárias. In *Contributos para a revitalização da Universidade em Angola*. Porto: Universidade do Porto, Fundação Gomes Teixeira, p. 259-273.

Oliveira, M. P. (s. d.). *Da argila mesopotâmica ao hipertexto de Nelson*. (PowerPoint).

Pequenino, P. S., Sapalo, B. D. e Santos, A. B. dos (2014). *A cultura e a sociedade: Elementos identitários da nação*. Ministério da Cultura. Colóquio sobre identidade cultural, identidade nacional (comunicações). Realizado em Luanda em agosto de 2008. Luanda: Ministério da Cultura, p. 9-18.

Prado, H. de A. (2000). *Organização e administração de bibliotecas*. (2ª ed.). São Paulo: T.A. Queiroz.

UNESCO (1996). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos*. Barcelona: UNESCO.

UNESCO (2005). *Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions* (Convenção da Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais). Paris: UNESCO.

DOCUMENTOS ELECTRÓNICOS

Decreto nº 90/09 de 15 de Dezembro. [Em linha]. *Diário da República*. I Série, nº 237, Luanda. [Consultado a 04 de março de 2019]. Disponível na [www:<URL: www.fm.ukb.ed.ao/ficheiros/Decreto_subistema_do_sistema_do_Ensino_Superior.pdf>](http://www.fm.ukb.ed.ao/ficheiros/Decreto_subistema_do_sistema_do_Ensino_Superior.pdf).

Instituto Nacional de Estatística (INE). [Em linha]. (2014). Resultados preliminares do Censo 2014. Luanda: INE. [Consultado a 04 de março 2019]. Disponível na [www:<URL: http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Preliminares%20%20Censo%202014_FINAL.13.10.14.pdf>](http://www.embajadadeangola.com/pdf/Publicacao%20Resultados%20Preliminares%20%20Censo%202014_FINAL.13.10.14.pdf).

Governo de Angola. [Em linha]. (2010). *Constituição da República*. Luanda: Governo de Angola. [Consultado a 05 de fevereiro de 2019]. Disponível na [www:<URL: http://imgs.sapo.pt/jornaldeangola/content/pdf/CONSTITUICAOAPROVADA_4.2.2010-RUI-FINALISSIMA.pdf>](http://imgs.sapo.pt/jornaldeangola/content/pdf/CONSTITUICAOAPROVADA_4.2.2010-RUI-FINALISSIMA.pdf).



Margarida (2011). [Em linha]. *As funções básicas da biblioteca pública*. [Consultado a 06 de março de 2019]. Disponível na [www:<URL: http://bibmargarida.blogspot.com/2011/08/as-funcoes-basicas-da-biblioteca.html>](http://bibmargarida.blogspot.com/2011/08/as-funcoes-basicas-da-biblioteca.html).

Patatas, T. A. (2017). [Em linha]. Evolução do património das bibliotecas universitárias angolanas. *O Ideário Patrimonial*. 8, julho, 2017, p. 49 – 61. Edição do Centro Transdisciplinar das Arqueologias do Instituto Politécnico de Tomar (Portugal). [Consultado a 12 de fevereiro de 2019]. Disponível na [www:<URL: http://www.cda.ipt.pt/index.php?actual=1&total=8&pagina=vinculo_cta&seccao=O_Ideario_Patrimonial&lang=PT&idrevista=203#media >](http://www.cda.ipt.pt/index.php?actual=1&total=8&pagina=vinculo_cta&seccao=O_Ideario_Patrimonial&lang=PT&idrevista=203#media).

Pereira, L. M. G. (2011). [Em linha]. *Conceções de literacia digital nas políticas públicas – estudo a partir do Plano Tecnológico da Educação*. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Especialidade de Educação para os Media. Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. [Consultado a 14 de março de 2019]. Disponível na [www: <URL: https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19825>](https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19825).

Pinho, A. C. e Machado, A. L. (2011). [Em linha]. *História e origem*. [Consultado a 15 de fevereiro 2019]. Disponível na [www:<URL: http://www.slinestorsantos.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/11/2590/17/arquivos/File/Biblioteca/bibliotecaorigem.htm >](http://www.slinestorsantos.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/11/2590/17/arquivos/File/Biblioteca/bibliotecaorigem.htm).